

A Idade do Ferro no concelho da Amadora

*UNIARQ – Centro
de Arqueologia da
Universidade de
Lisboa; Bolseira de
Pós Doutoramento
da Fundação para a
Ciência e Tecnologia.

Elisa de Sousa*

Resumo Durante as últimas décadas, trabalhos arqueológicos realizados no concelho da Amadora permitiram obter uma série de novos dados relativos à ocupação da Idade do Ferro. Com base na análise dos artefactos recolhidos em várias estações arqueológicas e nas características das suas implantações, foi possível interpretar e caracterizar a evolução do povoamento nesse território durante o I milénio a.C., definindo-se as relações com outros núcleos de áreas envolventes, concretamente com a antiga *Olisipo*.

Abstract During the last few decades, archaeological works performed within the limits of the municipality of Amadora revealed new data concerning the Iron Age occupation. Based on the analysis of artifacts collected from various archaeological sites and the characteristics of the settlements, it was possible to interpret and characterize the evolution of the occupation in this territory during the 1st millennium BC, defining the relations established with surrounding areas, specifically with the ancient *Olisipo*.

1. Introdução

Durante os últimos quarenta anos, a intensificação de trabalhos arqueológicos realizados no concelho da Amadora permitiram um aumento exponencial do conhecimento sobre ocupação proto-histórica da região. As prospeções efectuadas por António Gonzalez e Jorge Miranda integraram-se, numa primeira fase, no âmbito das actividades do Centro Cultural Roque Gameiro e,

posteriormente, da Associação de Arqueologia da Amadora, tendo permitido reconhecer uma significativa rede de povoamento de cronologia sidérica.

Nos últimos anos, graças à disponibilidade da Câmara Municipal da Amadora, e, particularmente, da Dra. Gisela Encarnação, foi possível analisar um amplo conjunto de materiais arqueológicos recolhidos no decurso das referidas campanhas de prospeção, assim como outros provenientes de algumas

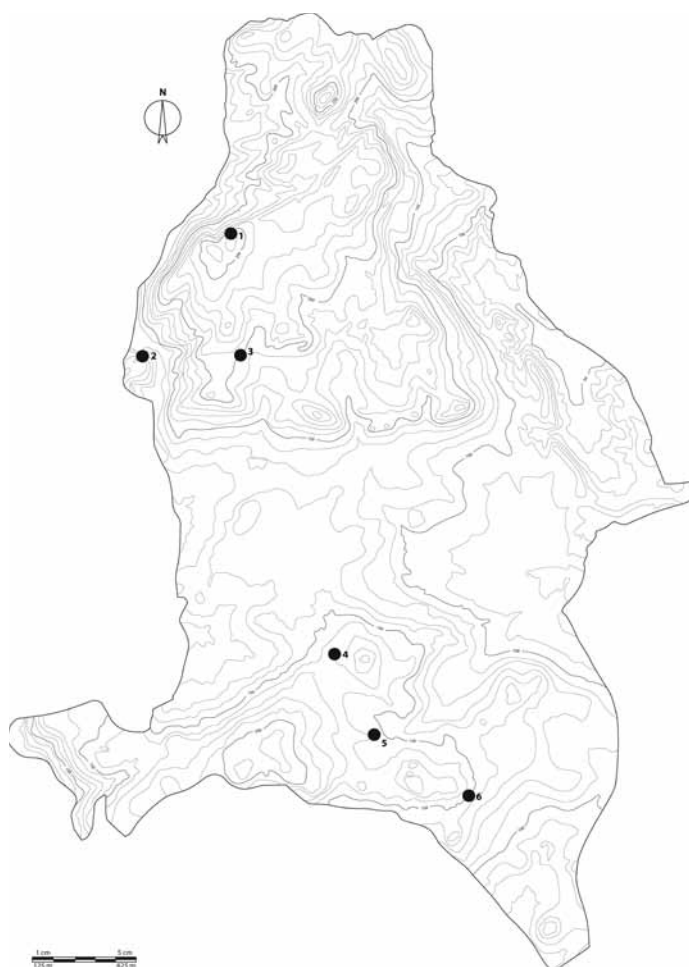
escavações que se realizaram em determinados locais. Este estudo permitiu confirmar a já suspeitada ocupação sidérica de, pelo menos, seis estações arqueológicas na área do concelho. Em outros sítios, e apesar de existirem artefactos que permitem presumir uma mesma cronologia, não foi possível especificar as balizas cronológicas.

Deve ainda referir-se que o desenvolvimento de actividades arqueológicas na Amadora, quer de prospecção quer de escavação, enfrenta grandes dificuldades relacionadas com intensas pressões urbanísticas inerentes à constante urbanização do concelho. Estes factores dificultam, sobretudo, uma caracterização funcional dos diferentes sítios arqueológicos identificados, uma vez que, nos poucos casos em que foi possível proceder a trabalhos de escavação, a área intervencionada foi sempre consideravelmente diminuta, não tendo sido possível obter leituras baseadas em planos arquitectónicos detalhados que, conjuntamente com análises específicas dos conjuntos artefactuais associados, poderiam determinar a atribuição de uma função específica dos diversos locais.

Infelizmente, a grande maioria das estações arqueológicas com ocupação sidérica documentadas no concelho da Amadora foi já destruída em consequência de diversas obras de urbanização e construção de infraestruturas. Delas restam apenas os materiais que foram recuperados em prospecções e, em raros casos, em campanhas de escavação.

2. A transição entre o Bronze Final e a Idade do Ferro

Os sítios arqueológicos amadorenses que registam vestígios de ocupação durante o Bronze Final são consideravelmente numerosos, como se verifica, por exemplo, na Fábrica das Gabardines, Moinho da Atalaia e Fiat-Alfragide. Outras estações, como é o caso de Casal de Vila Chã (Norte e Sul), Casal de São Brás, Liceu da Amadora, Campo de Aviação/Casal do Borel, Alfragide-FAP e talvez também o povoado das Baútas,



fornecheram materiais que permitem apenas uma integração genérica dentro da Idade do Bronze (Miranda & alii, 1999). Não é de descartar, contudo, a possibilidade de a sua ocupação poder atingir os momentos iniciais do I milénio a.C., apesar de serem necessários estudos mais detalhados para corroborar tal proposta.

A esta ocupação do Bronze Final não se sucedeu, contudo, e de forma imediata, uma transição linear para a Idade do Ferro. De acordo com os dados disponíveis até ao momento, materiais característicos da fase orientalizante (séculos VIII e VII a.C.) encontram-se ausentes entre o repertório artefactual recolhido no concelho. A única exceção a esta situação é a recolha de uma fibula de dupla mola em Casal de Vila Chã Norte, objecto que poderia iniciar uma ocupação mais precoce (Miranda & alii, 1999,

Fig. 1 – Localização dos sítios com ocupação pré-romana na Carta Arqueológica do Concelho da Amadora (segundo Miranda & alii, 1999, modificado).
1 – Moinhos do Filipinho;
2 – Baútas;
3 – Casal de Vila Chã Sul;
4 – Moinho da Atalaia;
5 – Fiat – Alfragide;
6 – Alfragide Segundo Sul/Moinhos de Alfragide.



Fig. 2 – Moinho da Atalaia (fotografia de António Gonzalez).

p. 26). O cenário mais provável é, contudo, que este achado se relacione com a fase da Idade do Bronze documentada no sítio.

Com efeito, o estudo realizado sobre os materiais da Idade do Ferro recolhidos no concelho da Amadora não permite recuar a cronologia sidérica para momentos anteriores à segunda metade do século VI a.C. centrando-se a ocupação, na grande maioria dos casos, na centúria seguinte.

3. As estações arqueológicas com ocupação pré-romana

Como já foi referido anteriormente, contabilizou-se um total de seis sítios arqueológicos que proporcionaram materiais que se integram numa fase cronológica sidérica. Correspondem, nomeadamente, a Moinho da Atalaia, Baútas, Casal de Vilã Chã Sul, Moinhos do Filipinho, Fiat-Alfragide e Alfragide Segundo Sul.

Entre estes, ganham particular destaque os dois primeiros, uma vez que foram os que proporcionaram os artefactos mais significativos, quer em termos quantitativos quer em variedade formal.

3.1. Moinho da Atalaia

O Moinho da Atalaia corresponde, sem dúvida, à estação mais emblemática da ocupação

proto-histórica do concelho da Amadora, tendo proporcionado os artefactos mais bem conservados desta cronologia.

Essa ocupação implantou-se numa plataforma relativamente inclinada na área oeste da colina epónima. Apesar da escassa defensabilidade natural, a sua localização permite uma boa visibilidade da área envolvente, particularmente a sul e oeste (Pinto & Parreira, 1978, p. 147). O potencial agrícola dos solos é elevado, integrando-se nos tipos A e B, tendo ainda nas suas proximidades alguns cursos de água relevantes, como é o caso da Ribeira da Falagueira.

O reconhecimento do potencial arqueológico do sítio ocorreu em 1973, quando Eduardo Miranda observou a ocorrência de artefactos arqueológicos da Idade do Ferro no talude deixado pelas obras de alargamento da Nacional 117. Trabalhos posteriores permitiram também reconhecer a presença de uma ocupação calcolítica e do Bronze Final.

Durante a década que se seguiu à sua descoberta, efectuaram-se algumas campanhas de escavação, ainda que sempre com um carácter sumário, que permitiram recolher alguns dados sobre a ocupação humana do sítio. Infelizmente, em 1981, a estação foi completamente destruída pela construção do Nó Radial da Buraca, deixando sem solução muitas questões que se levantavam sobre as evidências descobertas.

As primeiras campanhas de escavação possibilitaram reconhecer, desde logo, a presença de um vasto estrato formado por blocos pétreos basálticos de média e grande dimensão. A remoção, numa pequena área, deste nível, conduziu à identificação de abundantes materiais do Bronze Final, associados a fauna mamalógica e carvões, materiais esses que integraram, posteriormente, a primeira publicação sobre o sítio (Pinto & Parreira, 1978).

Numa outra área, e numa zona que começava já a separar-se do restante talude, sem relação estratigráfica preservada com o contexto anterior, marcou-se uma sondagem no mesmo espaço onde tinham sido recolhidas, durante as prospecções, algumas fíbulas de bronze datáveis da Idade do Ferro. Nesta escavação, reco-

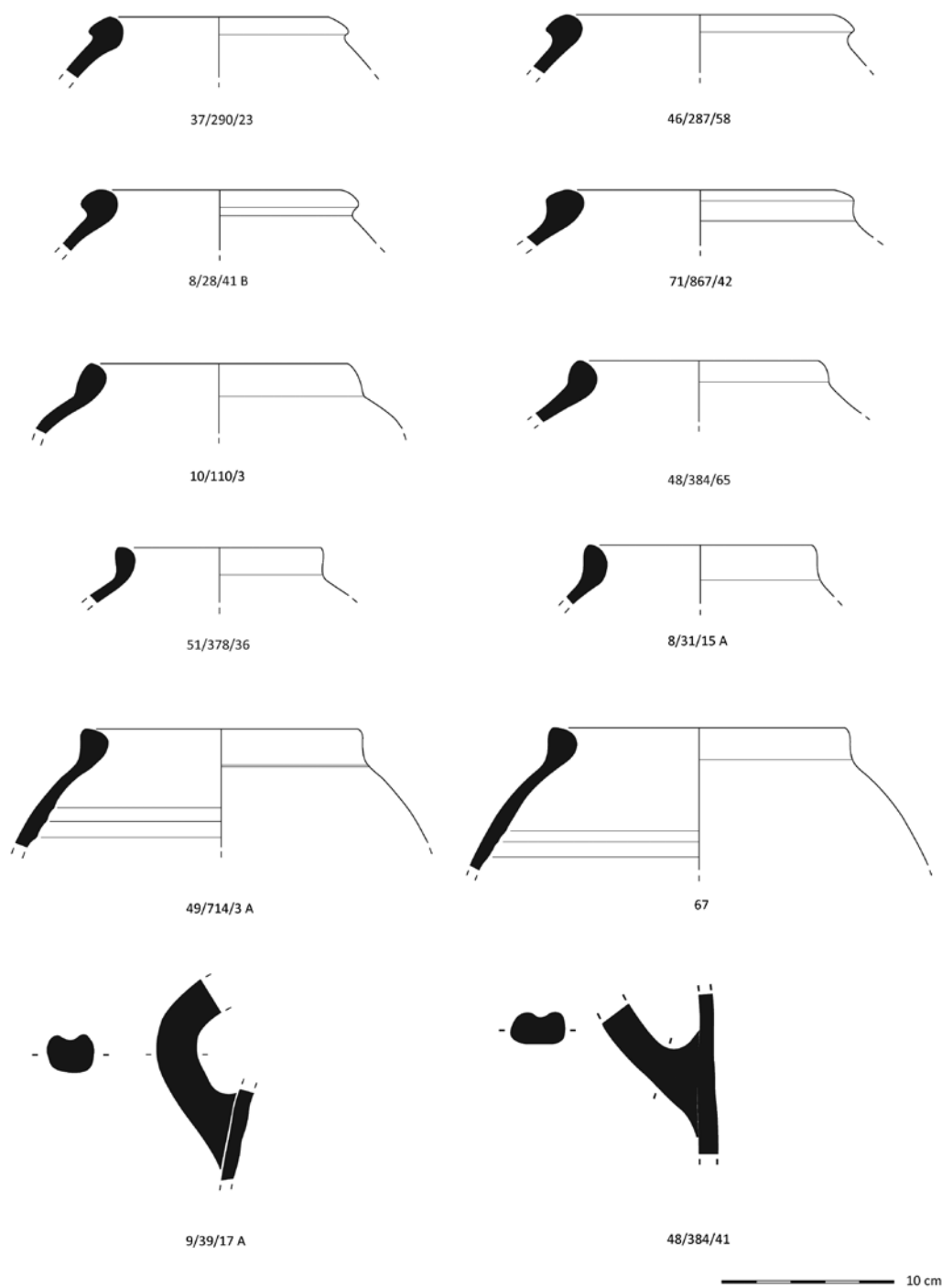


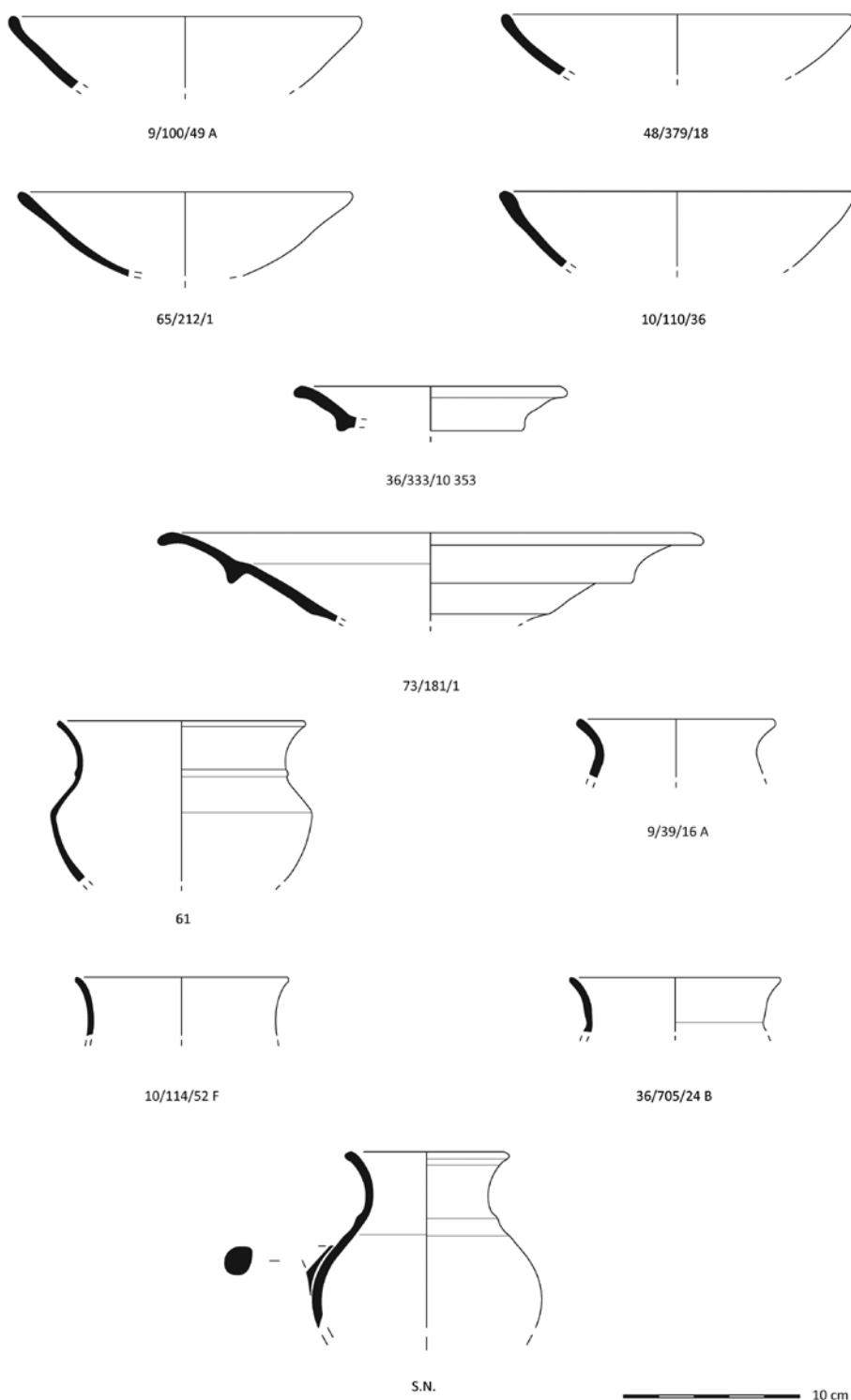
Fig. 3 – Ânforas do Moinho da Atalaia.

nheceu-se a existência de uma vala antrópica, que cortava o substrato basáltico. O seu enchimento evidenciava uma concentração de fauna malacológica no centro da estrutura negativa, parecendo estar delimitada por blocos pétreos afeiçoados de média dimensão. Foi justamente no interior desta estrutura negativa que se re-

colheram os materiais da Idade do Ferro mais bem conservados, nomeadamente cerâmicas, elementos de fíbulas de bronze e uma conta de colar de pasta vítrea.

As escavações que se seguiram, já no início da década de 80, não permitiram recolher outras informações que permitissem desenvolver o

Fig. 4 – Cerâmica cinzenta do Moinho da Atalaia.



conhecimento sobre o sítio, tendo-se limitado, quase exclusivamente, a colocar a descoberto, numa maior extensão, o já referido estrato de pedras basálticas.

Assim, a estrutura negativa de Moinho da Atalaia corresponde ao único contexto sidérico reconhecido no sítio. Não é impossível, dadas as suas características, que se tratasse

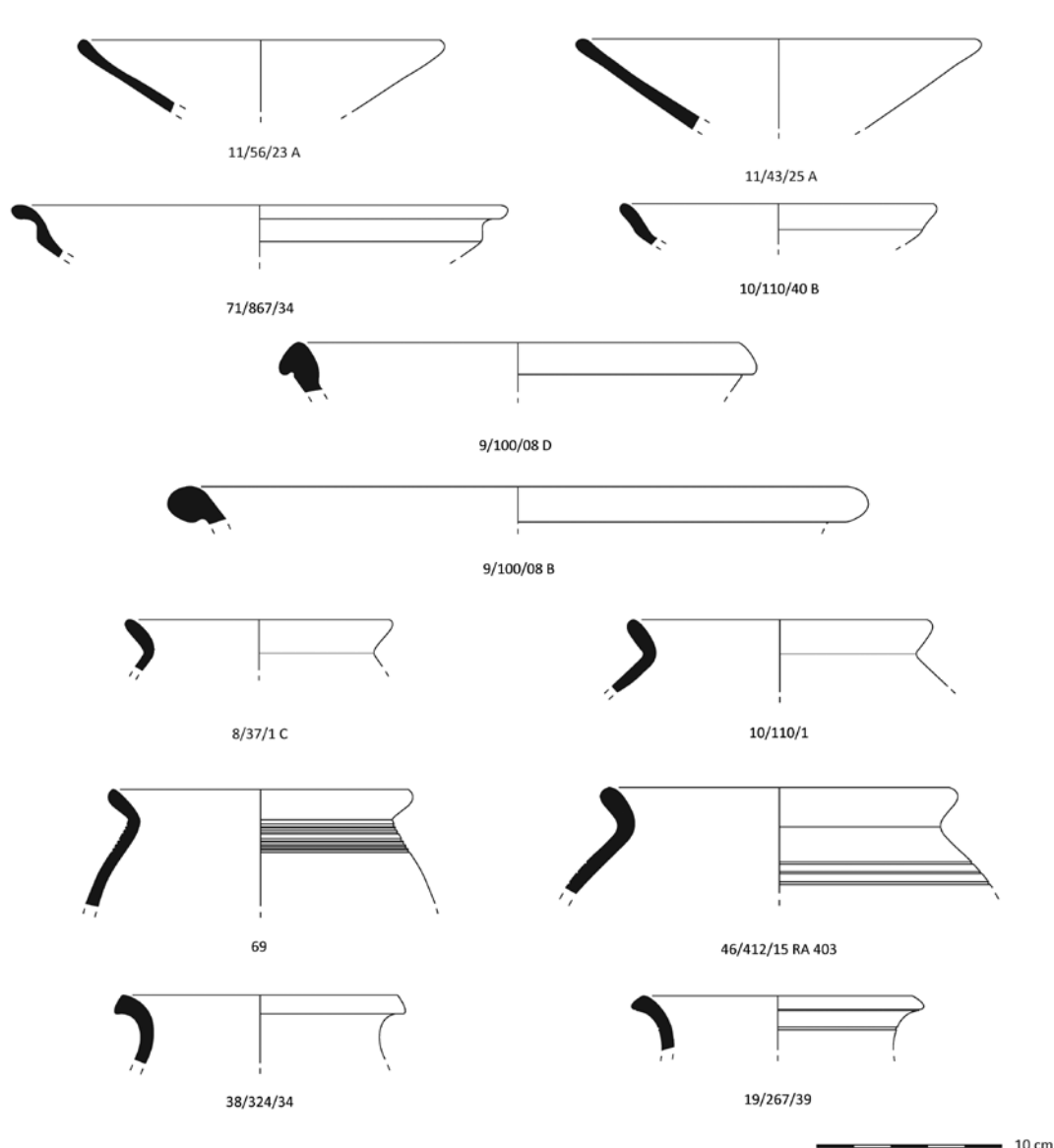


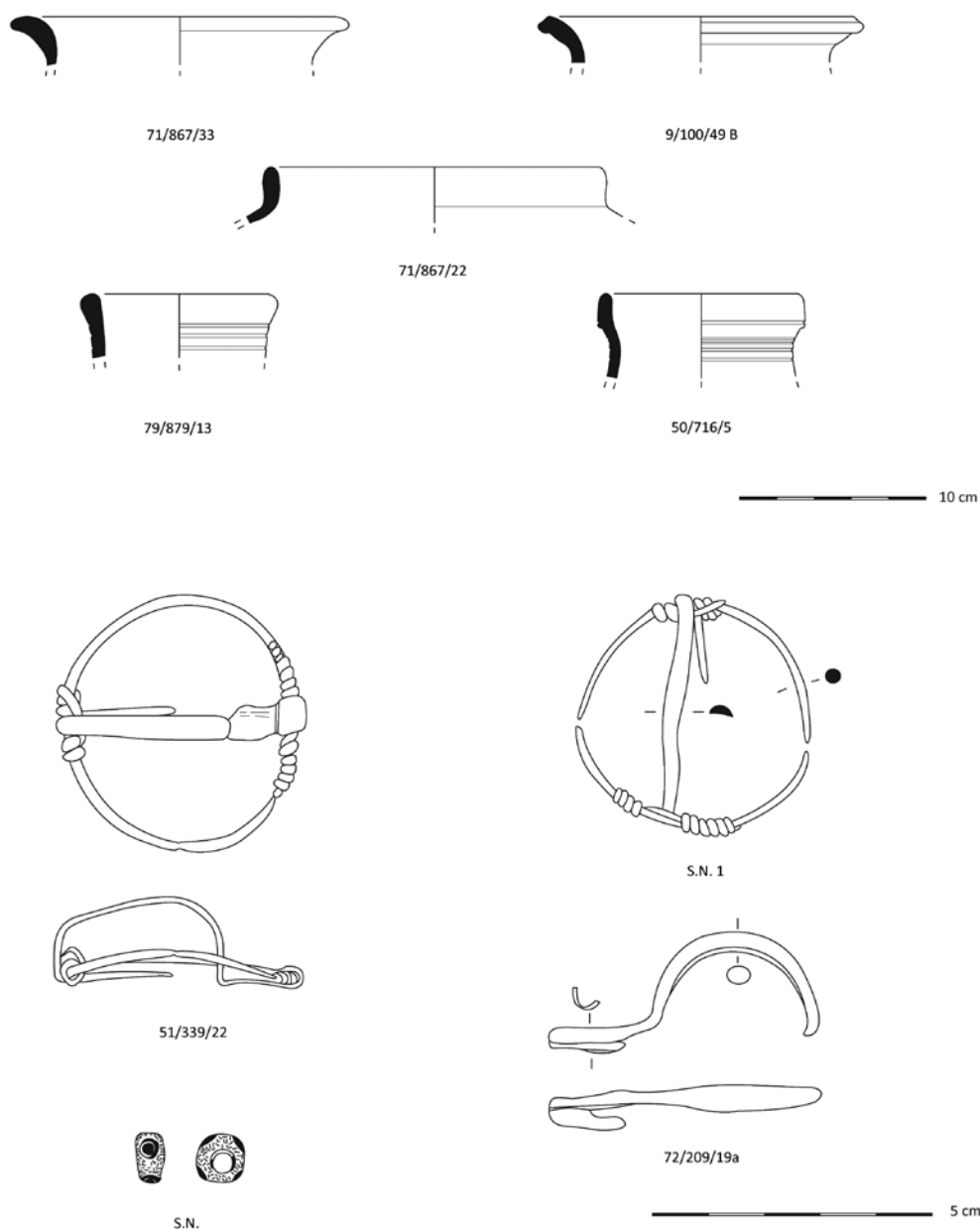
Fig. 5 – Cerâmica comum do Moinho da Atalaia.

de uma espécie de depósito votivo que poderia, contudo, enquadrar-se no âmbito de um eventual contexto habitacional.

A ausência de dados de cariz arquitectónico passíveis de assegurar a utilização habitacional do Moinho da Atalaia durante a Idade do Ferro dificulta a atribuição de uma funcionalidade ou categorização concreta ao sítio. Contudo, os recursos disponíveis e as próprias condições da sua implantação parecem sugerir uma funcionalidade eminentemente rural, como já foi, aliás, proposto por outros investigadores (Arruda, 1999–2000; Cardoso, 2004).

O conjunto artefactual da Idade do Ferro recolhido no sítio é vasto, totalizando 588 fragmentos classificáveis (485 NMI), divisíveis em ânforas, cerâmica comum, cerâmica cinzenta, artefactos de bronze e de pasta vítrea, alguns dos quais já publicados em artigos anteriores (Pinto & Parreira, 1978; Ponte, 1982–1983). As ânforas (34 NMI) constituem a categoria cerâmica menos expressiva do conjunto (7,01%). As formas indiciam um enquadramento claramente regional, encontrando os seus paralelos mais próximos no conjunto da Rua dos Correeiros, em Lisboa (Sousa, 2011). Correspondem a ânforas de bordo pendente

Fig. 6 – Cerâmica comum, fíbulas e conta de colar do Moinho da Atalaia.



(10 NMI – 29,41%), de bordo reentrante (4 NMI – 11,76%) e de bordo vertical (12 NMI – 38,24%). Um outro aspecto relevante é a presença de asas de secção oval com um sulco central na área externa, pormenor que é relativamente bem conhecido na área do estuário do Tejo, mas praticamente ausente em outras áreas peninsulares (Sousa, 2011). A cerâmica cinzenta (127 NMI) é expressiva entre os materiais recolhidos, contando com 26,19% do conjunto. Também entre estes

materiais foi possível reconhecer, a nível formal, uma grande similitude com os materiais da área urbana de Lisboa (Sousa, 2011). A forma mais recorrente é, sem dúvida, a tigela de perfil simples (71 NMI – 57,48%). Os pratos, menos representativos (5 NMI – 3,94%), têm sempre um perfil carenado, podendo variar a parede entre uma orientação mais horizontal ou diagonal. Pequenos potes são também frequentes (32 NMI – 25,20%), podendo os corpos destes vasos apresentar um perfil mais

ovalado ou elipsoidal. Outros recipientes deste tipo, mas de maior dimensão, são raros no conjunto (1 NMI – 0,79%). Vasos fechados, de colo estrangulado, de tipo “jarros”, são também pouco expressivos (1 NMI – 0,79%).

A cerâmica comum constitui a categoria mais numerosa entre o conjunto artefactual do Moinho da Atalaia Oeste (313 NMI – 64,54%). A forma mais bem representada corresponde às tigelas (78 NMI – 24,92%), quer de perfil simples quer de paredes convexa-côncavas. As taças, pratos e tampas são minoritários (cada 1 NMI – 0,32%), assim como os potes de pequena dimensão (2 NMI – 0,64%). Grandes recipientes de tipo bacia e/ou alguidar são um pouco mais expressivos em termos numéricos (8 NMI – 2,56%). As formas tipo pote e/ou panela são as mais abundantes entre a cerâmica comum (178 NMI – 56,88%), podendo apresentar um perfil convexo-côncavo, com bordo simples, pendente ou reentrante e colo mais ou menos estrangulado. Exemplares que interpretamos como jarros estão também presentes no conjunto (4 NMI – 1,28%).

Entre o conjunto metálico, cabe destacar a presença de oito fragmentos de fíbulas, que se integram, genericamente, nos tipos 14 e 15 de Ponte (2001), cuja cronologia está balizada entre finais do século V e toda a centúria seguinte.

Deve ainda salientar-se a presença de uma conta de colar de pasta vítrea, de formato tendencialmente anular e de coloração azul-turquesa e com quatro pequenos círculos azuis-escuros, contornados a branco (olhos).

A cronologia dos materiais recolhidos, estabelecida a partir das fíbulas e dos paralelos efectuados com outros conjuntos bem datados em torno aos meados do I milénio a.C., permite enquadrar a ocupação sidérica do Moinho da Atalaia entre o século V e o século IV a.C. (Sousa, 2011). Por outro lado, a grande semelhança, em termos das produções cerâmicas (ânforas, cerâmica cinzenta e cerâmica comum), com o conjunto da Rua dos Correiros, em Lisboa, permite propor a existência de centros de produção comuns às duas áreas, localizados, presumivelmente, no território imediato da última (Sousa, 2011).



Fig. 7 – Baútas (segundo Encarnação & Costa, 2008).

3.2. Povoado das Baútas

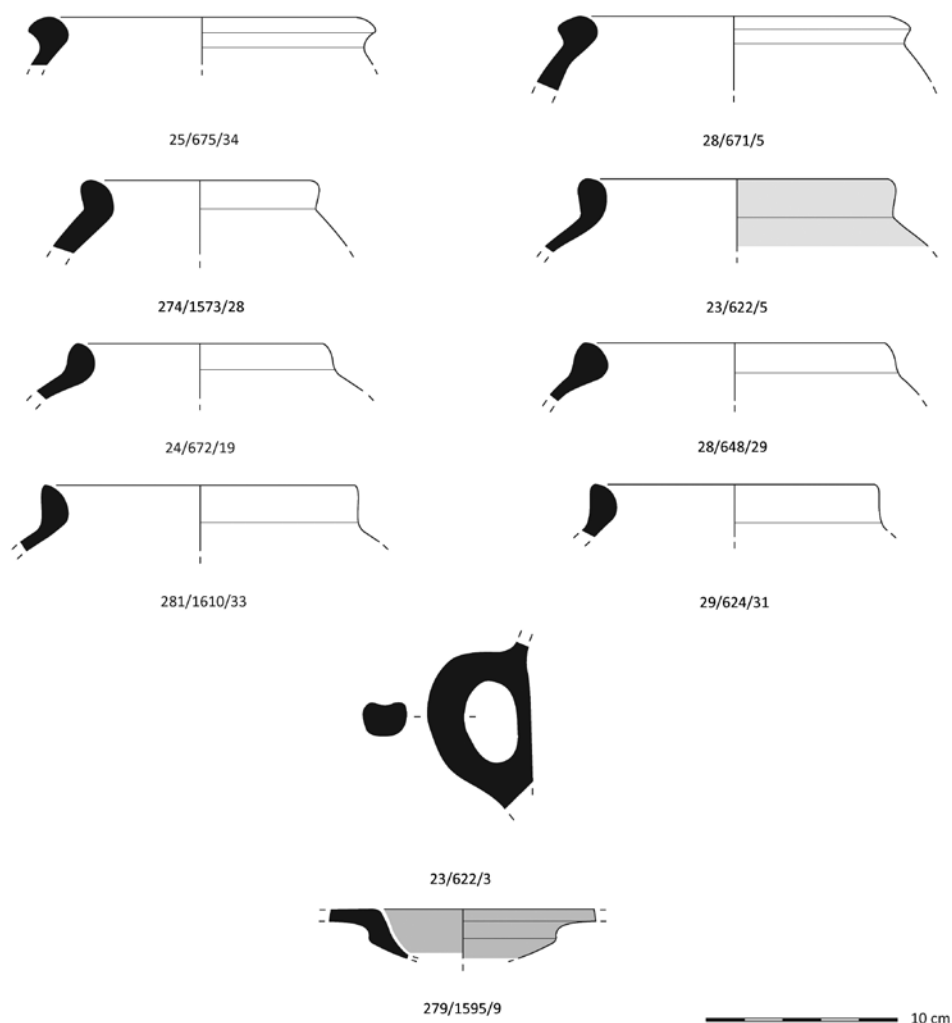
Outro núcleo importante no quadro das ocupações sidéricas do concelho da Amadora é o povoado das Baútas. A sua implantação é destacada na paisagem, no topo da Serra das Baútas, num esporão rochoso e escarpado, sobranceiro à ribeira de Carenque. Esta localização confere-lhe um domínio visual bastante amplo do território envolvente, assim como uma defensabilidade natural diferindo, portanto, da situação documentada no caso anterior.

O sítio foi descoberto por José Arnaud e Teresa Júdice Gamito, em 1971, tendo sido, então, revelada uma ocupação humana datada do Neolítico e Calcolítico (Arnaud & Gamito, 1972). A área, usada como pedreira desde finais do século XIX, encontrava-se muito danificada em termos de potencial arqueológico, excepto em pequenas faixas muito localizadas, protegidas por níveis de aterro. Posteriormente, a área foi ocupada por um bairro residencial ilegal (Bairro das Baútas).

As escavações arqueológicas que se realizaram no local, em 1989 e 1990, dirigidas por Jorge Miranda, permitiram documentar a presença de uma ocupação humana durante a Idade do Ferro. Outras campanhas mais recentes, dirigidas por Gisela Encarnação e João Oliveira Costa (2008), adicionaram novos dados para a análise do sítio no período sidérico.

Foi justamente neste local que se identificaram os primeiros vestígios arquitectónicos atribuíveis a um faseamento pré-romano no concelho da Amadora. Estão consubstanciados em estruturas pétreas, construídas com lajes de

Fig. 8 – Ânforas do povoado de Baútas.



calcário de diversos tamanhos. A parede mais bem conservada, de orientação este-oeste, apresenta uma extensão considerável (0,70 m x 7,80 m). Junto a uma destas estruturas, algumas lajes aplanadas sugerem a existência de um lajeado (Encarnação & Costa, 2008).

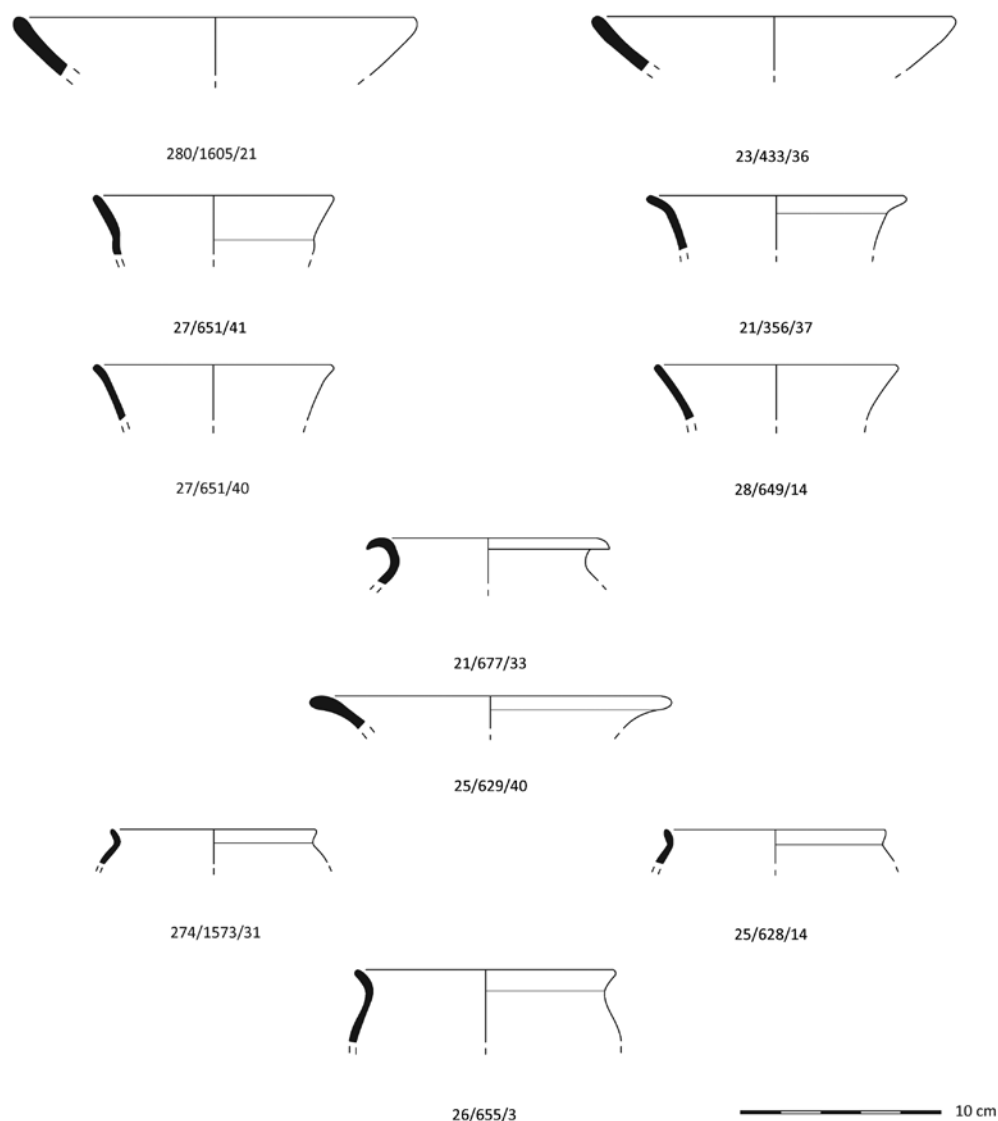
O conjunto artefactual da Idade do Ferro recolhido no decurso das escavações realizadas no povoado das Baútas é consideravelmente extenso, com 257 fragmentos inventariáveis (200 NMI).

Tal como ocorreu no caso anterior, as ânforas são pouco representativas no conjunto, com 24 NMI (12,00%). Entre as formas documentadas, cabe destacar a presença de uma ânfora do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres, que corresponde a um exemplar integrável ainda

nos conjuntos artefactuais “orientalizantes”, o que pode indiciar alguma precocidade na cronologia da ocupação do sítio, podendo remontar à segunda metade do século VI a.C. Os restantes exemplares integram os mesmos tipos anfóricos já documentados em Moinho da Atalaia Oeste, concretamente os de bordo pendente (7 NMI – 29,17%), bordo de tendência exvertida (3 NMI – 12,50%), reentrante (2 NMI – 8,33%) e vertical (3 NMI – 12,5%). Também aqui se documentaram vários fragmentos de asas de secção oval com sulco central na zona externa.

No povoado das Baútas foi também identificado um fragmento de cerâmica de engobe vermelho (1 NMI – 0,50%). Pertence a uma tigela de perfil carenado.

Fig. 9 – Cerâmica cinzenta do povoado de Baútas.

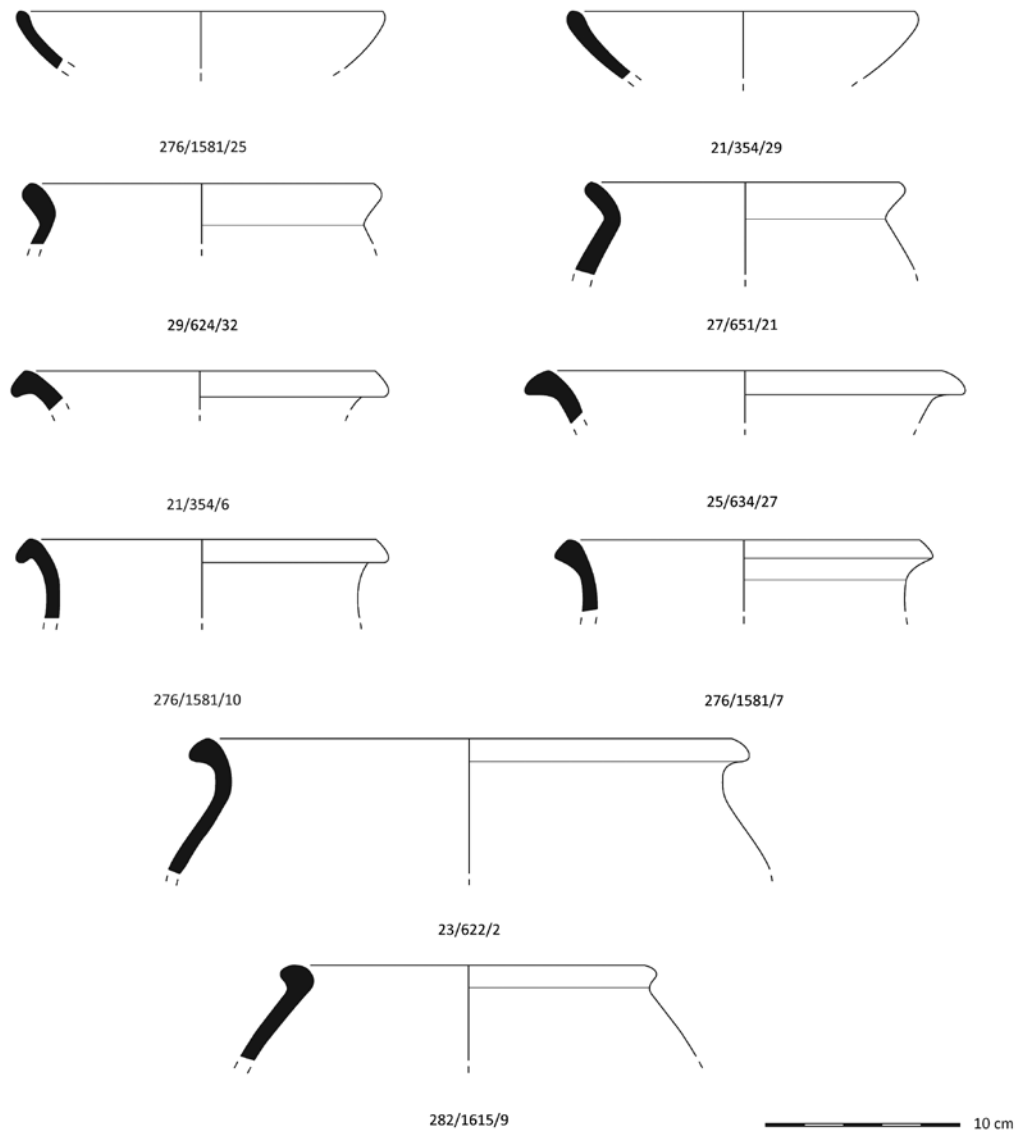


A cerâmica cinzenta corresponde a uma categoria bem representada no sítio (31 NMI – 15,50%). Entre este conjunto destaca-se, em primeiro lugar, a presença de três exemplares que correspondem a pequenos potes, cujos perfis se assemelham em muito aos documentados na Sé de Lisboa (Arruda, Vallejo & Freitas, 2000), cuja cronologia se centra na segunda metade do século VI a.C. A presença destes materiais deve ser conectada com a já referida ânfora do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres, refletindo uma ocupação que pode ser datada em torno à segunda metade do século VI a.C. Em relação aos restantes materiais de

cerâmica cinzenta, as tigelas de perfil simples são o tipo mais bem representado no conjunto (16 NMI – 51,60%), seguidos pelos pequenos potes de corpo ovalado e elipsoidal (8 NMI – 25,81%). Os potes de média dimensão são menos frequentes (2 NMI – 6,46%).

A cerâmica comum é, como ocorre no Moinho da Atalaia Oeste, a categoria mais abundante (138 NMI – 69,00%). A análise macroscópica das pastas permitiu identificar, tal como em Moinho da Atalaia, grupos de fabrico de provável origem lisboeta, mas também a presença de um outro que consideramos ser específico do povoado das Baútas. A nível

Fig. 10 – Cerâmica comum do povoado de Baútas.



formal, os tipos mais bem representados são as tigelas de perfil simples e carenado (44 NMI – 31,90%) e os potes e/ou panelas de perfil convexo-côncavo, colo mais ou menos estrangulado e bordo simples, pendente ou reentrante (66 NMI – 47,81%). Os potes de pequena dimensão são raros (1 NMI – 0,72%). Entre os restantes materiais cerâmicos conta-se um cossoiro e quatro pesos, muito possivelmente, de tear. Recolheu-se ainda um pequeno fragmento de bronze, que corresponderá a uma fíbula anular hispânica. Infelizmente, o seu estado de fragmentação não permite uma maior precisão tipológica e cronológica.

A ocupação sidérica deste sítio, a julgar pelos materiais recolhidos, centra-se também em meados do I milénio, podendo seguramente recuar a momentos já avançados do século VI a.C., como atesta a presença de uma ânfora do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres e dos potes de corpo globular de cerâmica cinzenta. Os restantes materiais atestam, contudo, a contemporaneidade desta ocupação com a do Moinho da Atalaia, permitindo afirmar que o povoado das Baútas se mantém ocupado durante o século V a.C. e, provavelmente, também em fases posteriores.

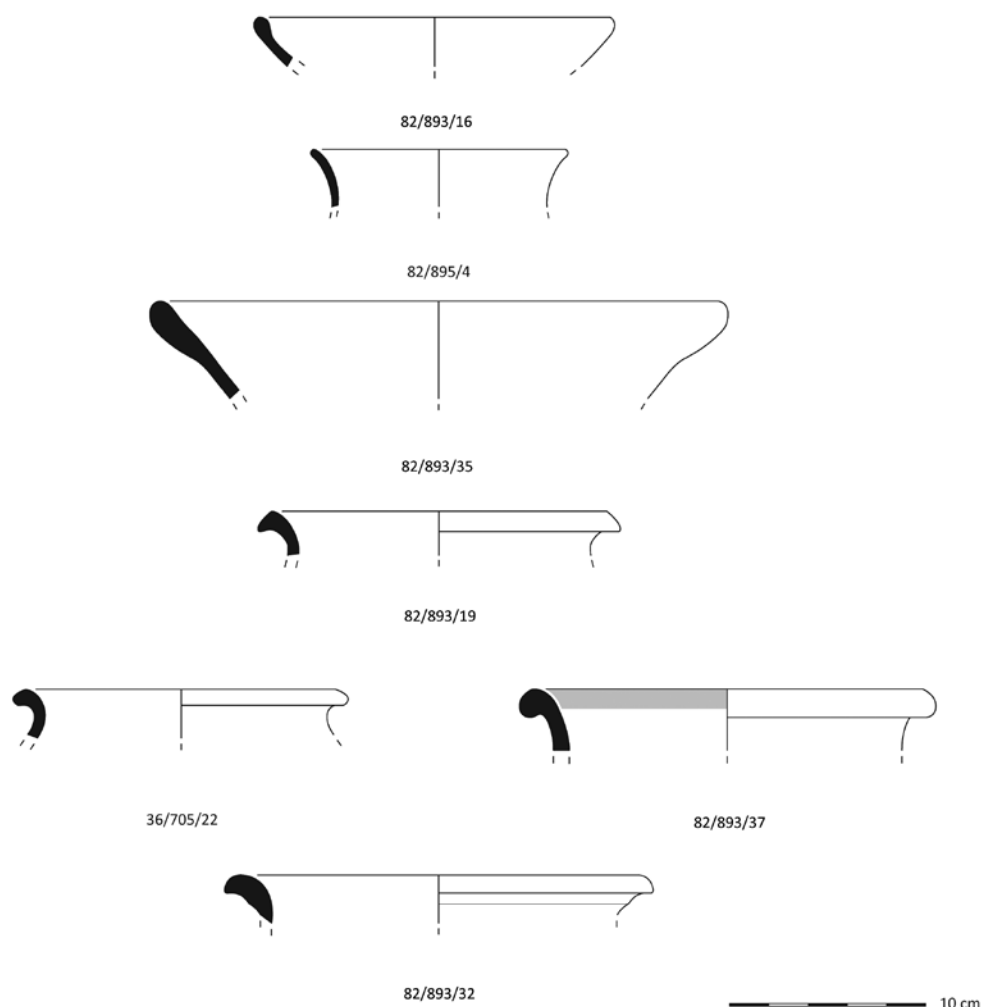


Fig. 11 – Cerâmica cinzenta e cerâmica comum de Moinhos do Filipinho.

3.3. Moinhos do Filipinho

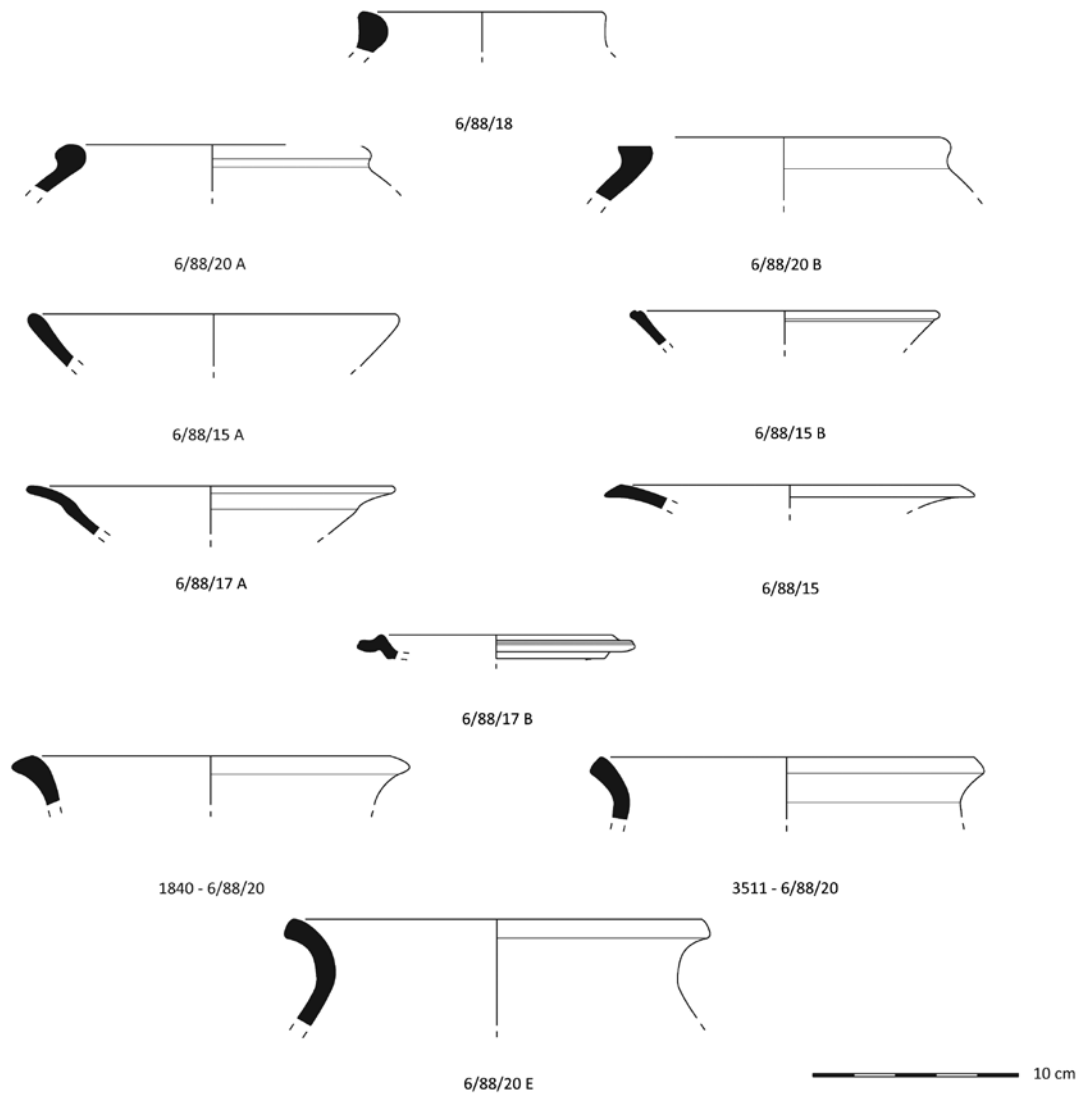
O sítio de Moinhos do Filipinho encontra-se implantado no topo de uma elevação sobranceira à Ribeira de Carenque, com vertentes escarpadas a norte. Descoberto em 1965, por António Gonzalez, foi alvo de algumas campanhas de prospecção, na sequência da construção de uma rede de saneamento básico e de urbanizações. Os artefactos de cronologia sidérica recolhidos durante esses trabalhos são constituídos integralmente por cerâmicas cinzentas e comuns. Na primeira categoria, constam tigelas de perfil simples e pequenos potes de corpo tendencialmente elipsoidal. Entre os fragmentos de cerâmica comum, reconhecem-se as bacias e/ou alguidares e potes e/ou panelas.

Um outro elemento que deve ser destacado parece corresponder a um fragmento de bordo de um vaso tipo *pithos*, cuja cronologia se poderia integrar numa fase mais antiga, podendo indicar que, tal como no povoado das Baútas, a cronologia da ocupação poderá recuar a momentos tardios do século VI a.C., ainda que se prolongue, seguramente, durante a centúria seguinte.

3.4. Casal de Vila Chã Sul

Esta estação arqueológica, descoberta por António Gonzalez, em 1962, situa-se no topo de um talude, próximo da Ribeira de Carenque.

Fig. 12 – Ânforas, cerâmica cinzenta e cerâmica comum de Casal de Vila Chã Sul.



Materiais recolhidos na sequência da construção de arruamentos para uma urbanização sugerem uma ampla diacronia de ocupação, que se estende desde o Calcolítico à Idade do Bronze e ao período sidérico. Para esta última, contam-se fragmentos de ânforas, cerâmicas cinzentas e cerâmicas comuns. Entre os primeiros, destaca-se uma ânfora orientalizante tipo 10.1.2.1., sendo os outros já integráveis em modelos mais tardios (ânforas de bordo pendente e de tendência exvertida). Entre a cerâmica cinzenta, identificaram-se tigelas de perfil simples, taças e pratos de perfil carenado. A cerâmica comum conta com tigelas de perfil simples, taças carenadas e potes e/ou panelas de perfil variado.

Cronologicamente, o conjunto indica uma ocupação da Idade do Ferro que se terá iniciado em momentos tardios do século VI a.C., prolongando-se, contudo, pelo menos, até à centúria seguinte.

3.5. *Fiat-Alfragide*

Descoberto por António Gonzalez, em 1981, na sequência da abertura de valas para a construção da Estrada Nacional 117, o sítio está implantado numa pequena elevação, no sopé leste da serra de Carnaxide, sem condições naturais de defesa. A área apresenta um bom potencial agrícola (solos tipo A e B), com proximidade de linhas de água.

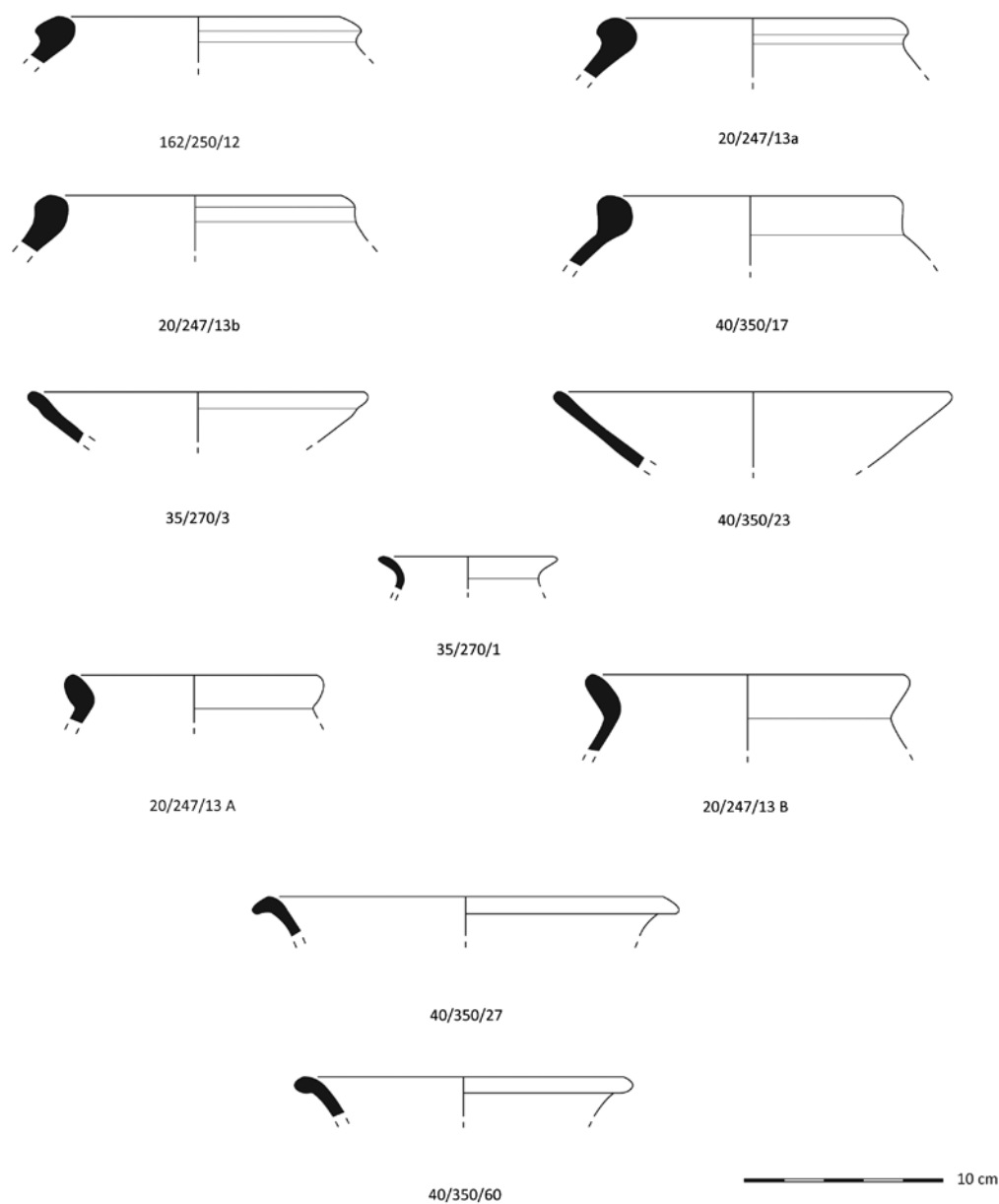


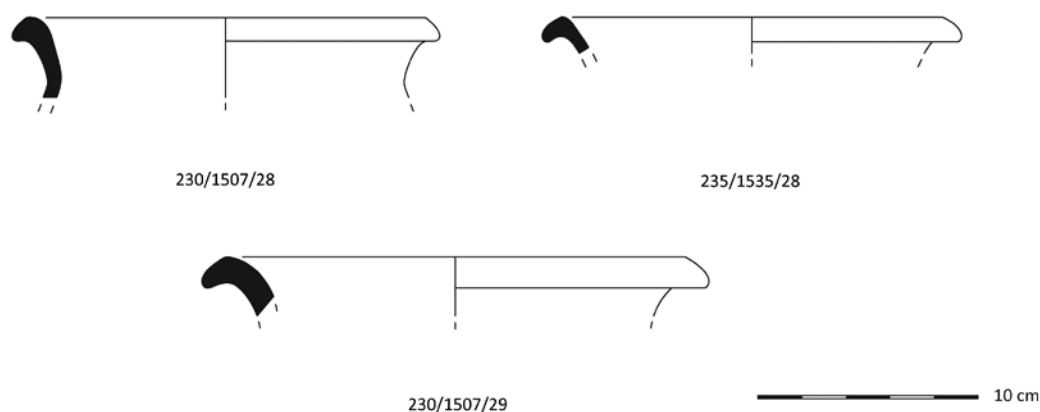
Fig. 13 – Ânforas, cerâmica cinzenta e cerâmica comum de Fiat-Alfragide.

Os artefactos recolhidos no local englobam ânforas de bordo pendente e de bordo vertical, características dos meados do I milénio a.C. no estuário do Tejo (Sousa, 2011). A cerâmica cinzenta engloba fragmentos de tigelas de perfil simples e potes de pequena e média dimensão. O conjunto da cerâmica comum integra também tigelas de perfil simples e potes e/ou painelas que, conjuntamente com os restantes elementos, permitem propor uma cronologia centrada em torno do século V a.C.

3.6. Alfragide Segundo Sul/Moinhos de Alfragide

Existe um último sítio no concelho da Amadora que merece algum destaque, ainda que os materiais recolhidos não tenham possibilitado uma adscrição cronológica tão precisa como nos casos anteriores. Trata-se da estação arqueológica conhecida por Alfragide Segundo Sul, descoberta nos inícios da década de noventa do século passado, na sequência de obras relacionadas com um projeto de urbanização.

Fig. 14 – Cerâmica comum de Alfragide Segundo Sul.



O sítio encontra-se implantado num declive, tendo nas suas proximidades linhas de água, e a área envolvente apresenta um potencial agrícola pouco significativo (classes C e D).

Os materiais recuperados durante trabalhos efectuados permitiram identificar vestígios de uma ocupação pré-histórica e também da Idade do Ferro. No entanto, os dados recolhidos indiciam que o espólio não estava na sua posição primária, sendo, provavelmente, os artefactos arqueológicos encontrados resultantes do deslize de sedimentos da área mais elevada e aplanada, designada por Moinhos de Alfragide (Encarnação, 2007).

Este último sítio tem óptimas condições de visibilidade do território envolvente e uma boa defensabilidade natural.

Infelizmente, os materiais arqueológicos recolhidos de cronologia sidérica resumem-se a bordos de potes e/ou painelas de cerâmica comum, cujas balizas cronológicas são bastante latas, não permitindo um enquadramento mais específico dentro do I milénio a.C.

4. Conclusão

Os dados resultantes do estudo dos materiais da Idade do Ferro recolhidos no concelho da Amadora permitiram reconhecer a existência de uma rede de povoamento particularmente densa dentro dos limites do concelho, centrada sobretudo em pequenos estabelecimentos de cariz eminentemente rural.

Apesar de este fenómeno ser em muito semelhante à situação registada durante o Bronze Final, a verdade é que não existem dados que permitam sustentar uma continuidade entre as duas situações.

Com efeito, a ocupação do território durante a chamada “I Idade do Ferro” é praticamente inexistente, não sendo conhecidos materiais característicos do período orientalizante.

Mesmo os sítios arqueológicos que proporcionaram os espólios mais antigos não são passíveis de recuar para datas anteriores a meados do século VI a.C.

Esta situação relaciona-se, seguramente, com processos de evolução histórica subjacente aos grandes povoados do estuário do Tejo. A rede de povoamento registada no concelho da Amadora faz parte de um quadro mais amplo, que envolve também os concelhos limítrofes, e que corresponde a um sistema dependente e estruturado em torno ao núcleo de Lisboa (Sousa, 2011).

Como tal, a explicação para o aparecimento desta malha habitacional deverá procurar-se no âmbito da evolução da antiga *Olisipo*.

Durante o período orientalizante, o povoamento sidérico da área do estuário do Tejo concentra-se sobretudo junto das margens do rio, como se verifica, por exemplo, na área de Vila Franca de Xira (Pimenta & Mendes, 2010–2011). Contudo, a partir de meados do I milénio, este sistema parece colapsar, o que se reflete no aparente abandono de vários dos locais anteriormente habitados. Por outro lado, é justamente neste momento que se assiste a um incremento da exploração dos territórios a oeste da foz do

Estuário (concelhos de Amadora, Oeiras, Cascais e Sintra) (Sousa, 2011).

Tal situação reflecte uma profunda reestruturação de estratégias económicas, que parece ser transversal a várias áreas afectadas pela colonização fenícia durante os séculos precedentes. Com efeito, também na área andaluz e na Extremadura espanhola se assiste, em meados do I milénio, a grandes transformações em termos económicos e político-sociais, que se traduzem na ocupação do território. No primeiro caso, a exploração dos recursos irá centrar-se em torno dos recursos marinhos, especificamente dos preparados piscícolas. No segundo, é claramente visível a emergência de novos sistemas de organização territorial, plasmados em arquiteturas como a do palácio santuário de Cancho Roano, que evidenciam fortes reestruturações internas.

No Estuário do Tejo, a reorganização de estratégias económicas parece espelhar-se no incremento da exploração de recursos agrícolas e, eventualmente, também pecuários. A rede de povoamento que se estrutura em meados do I milénio a.C. centra-se, sobretudo, em pequenos povoados de cariz rural (“casais agrícolas”), implantados em locais pouco destacados na paisagem, junto de linhas de água e com bom potencial agrícola, como é, por exemplo, o caso do Moinho da Atalaia e Fiat-Alfragide.

Esta malha secundária parece, no entanto, ser estruturada internamente, existindo indícios que permitem propor uma hierarquização entre o povoamento sidérico, particularmente no caso do concelho da Amadora.

O povoado de Baútas apresenta, com efeito, características em termos de implantação

geográfica que permitem isolá-lo dos típicos modelos de ocupação rural. Por outro lado, a existência de uma produção cerâmica que se supõe ser eminentemente local, entre os materiais recolhidos no sítio, uma situação única verificada nos casos estudados, é um outro elemento que diferencia este povoado dos restantes. O domínio visual que o sítio detém do território envolvente e, inclusive, de outros com ocupação sidérica, como é o caso, por exemplo, dos Moinhos do Filipinho, permite propor que este povoado poderia constituir um núcleo de maior importância, capaz de estruturar uma rede de povoamento da área circundante. A mesma situação poderia aplicar-se, eventualmente, a Moinhos de Alfragide, apesar de serem escassos os dados disponíveis para o seu estudo.

A interdependência com o povoado de Lisboa está, contudo, claramente patente na cultura material dos vários sítios estudados. Com efeito, não só a esmagadora maioria das formas documentadas encontra paralelos entre o repertório artefactual estabelecido para *Olisipo*, como a extraordinária semelhança em termos de fabricos permite sugerir a existência de centros de abastecimento comuns a ambas as áreas, estando estes localizados nesta área (Sousa, 2011).

Independentemente das suas características, o povoamento sidérico do concelho da Amadora não traduz um mero território de exploração e de redes comerciais. Tudo indica que a área estaria também integrada na esfera política e identitária (sociocultural) de Lisboa, que permanecerá, provavelmente, inalterada até à chegada dos primeiros contingentes militares romanos à região (Sousa, 2011).

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Dra. Gisela Encarnação e a António Gonzalez por toda a ajuda prestada e disponibilidade manifestada no decorrer da investigação que conduziu a este trabalho.

Bibliografia citada

- ARNAUD, José; GAMITO, Teresa (1972) - O povoado fortificado neo- e eneolítico da Serra das Baútas (Carenque, Belas). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3.ª série. 6, pp. 119–161.
- ARRUDA, Ana Margarida (1999–2000) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- ARRUDA, Ana Margarida; VALLEJO SÁNCHEZ, Juan Ignacio; FREITAS, Vera (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 25–59.
- CARDOSO, João Luís (2004) - *A Baixa Estremadura dos Finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de história regional*. Oeiras: Câmara Municipal.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2007) - Alfragide Segundo Sul. Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados em Junho e Julho de 2006. *Relatórios*. Amadora. 7, pp. 3–31.
- ENCARNAÇÃO, Gisela; COSTA, João (2008) - *Intervenção arqueológica no Povoado das Baútas (Amadora)*. Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados em 2007.
- MIRANDA, Jorge; ENCARNAÇÃO, Gisela; VIEGAS, João Carlos; ROCHA, Eduardo; GONZALEZ, António (1999) - *Carta arqueológica do Concelho da Amadora: do Paleolítico ao Romano*. Amadora: Câmara Municipal.
- PIMENTA, João; MENDES, Henrique (2010–2011) - Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, pp. 591–618.
- PINTO, Clara Vaz; PARREIRA, Rui (1978) - Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do Estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 147–163.
- PONTE, Salete da (1982–1983) - Algumas fíbulas dos concelhos de Sintra, Cascais, Amadora e Alenquer. *Sintria*. Sintra. 1:2, pp. 107–116.
- PONTE, Salete da (2001) - *Corpus signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Policopiado. Universidade do Porto. Edição policopiada.
- SOUSA, Elisa (2011) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1.º milénio a.C.* Dissertação de Doutoramento. Policopiado. Universidade de Lisboa.